

LITERATURA & PRAXIS SOCIAL NO BRASIL: O ROMANCE NORDESTINO DE 1930

Carlos Alberto Azevedo

1. Introdução

Quase uma década após a *Semana de Arte Moderna*¹ ocorria no Nordeste brasileiro um surto renovador do romance, cujo marco teórico foi *A Bagaceira* (1928), do escritor paraibano José Américo de Almeida. A *Bagaceira* delimita o início da segunda fase do *romance nordestino*, pois a primeira data de 1876, ano em que o romancista cearense Franklin Távora lança *O Cabeleira*². A dominação romance nordestino provém do fato de serem escritos naquela região do País e, naturalmente, por escritores nordestinos. Além disso, exploram uma temática essencialmente regional. Cassiano Nunes salienta como características próprias desse romance, que se distingue dos romances escritos noutras regiões do Brasil, as seguintes peculiaridades: “a base telúrica (cor local), a exposição enfática dos contrastes, o protesto e a reivindicação social, o caráter de relatório ou de inventário sociológico, linguagem crua, a libertação dos “tabus” sexuais e frequentemente sexualismo intenso, o sentimento poético, a preocupação com o problema da criminalidade, a mensagem de ternura humana, o alicerçamento na literatura oral, popular” (Nunes, 1957: 75-76).

Baseado nas características propostas por Nunes, podemos afirmar que o romance nordestino da década de 30 é cíclico e aborda situações típicas do

- (1) O Movimento Modernista brasileiro eclodiu em 1922 com a *Semana de Arte Moderna* realizada em São Paulo. Antes desse evento, porém já se fazia sentir, principalmente na capital de São Paulo, uma atmosfera de inquietação que prenunciava a revolução cultural que se aproximava. É bom lembrar que a própria literatura da época simbolista já abria picadas em direção às correntes renovadoras, procedendo à revisão dos valores nacionais. A *Semana de Arte Moderna* foi a primeira manifestação coletiva e pública de escritores e artistas brasileiros da nova “escola”. Sobre o Modernismo brasileiro, veja-se o estudo de Mário da Silva Brito, ultimamente reeditado, *História do Modernismo Brasileiro – Antecedentes da Semana de Arte Moderna*, Rio de Janeiro, 1964.
- (2) Antes dos autores modernos (da década de 30), alguns temas caros ao romance nordestino foram explorados pelos românticos da primeira fase do regionalismo. É bastenol lembrar de Franklin Távora com *O Cabeleira* (onde o cangaceiro surge em nossa ficção), o problema da seca já estava presente na obra de Rodolfo Teófilo, em *Fome* (1890), assim como o cangaço (banditismo social) já estava em *Os Brilhantes* (1895), e enfim está o Nordeste como um todo na ficção de Domingos Olímpio e Manuel de Oliveira Paiva.

Nordeste, isto é, os problemas gerados pelas transformações políticas, sociais e econômicas, que vem sofrendo esta região: decadência dos valores patriarcais, ou seja, a crise do coronelismo³., a desagregação dos imensos latifúndios e o desenvolvimento industrial das cidades litorâneas, atraindo a população rural (êxodo), em busca de condições sócio-econômicas melhores., o banditismo social (cangaceirismo) e as secas periódicas que assolam a região, provocando entre outras conseqüências, a rarefação demográfica do *hinterland* (Sertão e Agreste).

O romance nordestino, fiel à tradição, envereda pelo terreno do social e do regional, em tempos modernos, isto é, a partir de A Bagaceira, culminando em 1930-45. Traz ele a incorporação do material brasileiro à ficção, através do sertanejismo, do caboclisto, do negrismo, numa técnica de fundo nacionalista, muitas vezes exagerado. O romance da vida rural toma fôlego nos autores nordestinos, principalmente encarado dentro dos ciclos econômicos (cana-de-açúcar e cacau), ou dos ciclos de projeção político-social como o banditismo, a seca, o misticismo.

O caráter cíclico do romance nordestino da década de 30 reflete e denuncia a persistência de subsistemas econômicos do Brasil arcaico (colonial), mais conhecido como ciclo(s) econômico(s). Empregamos o termo arcaico para designar "os núcleos que no interior de um país dependente, passaram por processo de involução (ou defasagem) histórico-cultural" (Cf. Decanal, 1978: 20). Convém ressaltar que o citado termo não tem o sentido de dualidade radical como empregou Jacques Lambert no seu ensaio polêmico: Os Dois Brasis (1967).

Esse caráter cíclico se reflete nitidamente na obra de José Lins do Rego, quando este escritor trata do problema da monocultura do açúcar: os romances do Ciclo da cana-de-açúcar (Menino de Engenho, 1932., Doidinho, 1935., Bangüé, 1934., O Moleque Ricardo, 1935 e Usina, 1936). Já a ficção de Jorge Amado encara o problema da decadência de um outro ciclo econômico: a monocultura do cacau que, embora seja localizada numa única área, a do interior da Bahia, é composta de romances diferentes (Cacau, 1933., Terras do Sem Fim, 1942., São Jorge dos Ilhéus, 1944 .)

(3) Cf. "Ao sentido primitivo da palavra oligarquia-governo em que a autoridade está nas mãos de poucas pessoas-juntou-se, no Brasil, um conceito mais específico: o de governo baseado na estrutura familiar patriarcal. As oligarquias originam-se em parte, no Império e, outras vezes, no novo regime. Neste, entretanto, o fenômeno federalismo empresta a esse tipo de governo, como à manifestação do coronelismo, maior estabilidade. A origem de ambos é comum, diferenciando-se o oligarca do coronel pela escala política: a ação de um é de âmbito geral, estadual., o do outro particular. O oligarca, porém, é um coronel como outro qualquer-ou um representante dele-que se mantém pela liderança, pelo autoritarismo e pelos favores que concede a seus aliados. Sem isto e as obrigações que se impoem, dificilmente se manteria no poder. Os favores concedidos não procedem somente dos seus bens pessoais, mas aproveita-se das rendas e poder do Estado para uma política individual." (Carone, 1975: 269-70).

E' notória ainda a presença de um outro ciclo na literatura nordestina. Trata-se do ciclo de projeção político-social (banditismo, misticismo e secas). Esse ciclo reflete, de um modo geral, a persistência de uma infraestrutura arcaica (o latifúndio colonial) que permaneceu quase intocável até a Revolução de 30: "o principal golpe contra o poder político dos grandes latifundiários, sobretudo nordestinos, em cujos domínios mais solidamente subsistiam os restos feudais, foi desferido pelo movimento revolucionário de 1930" (Facó, 1963: 194).

Este ciclo temático é retomado magistralmente por Graciliano Ramos para denunciar o latifúndio como responsável pela manutenção do trabalho semi-servil (São Bernardo, 1934)⁴, ou ainda, para denunciar o abandono das populações rurais no hinterland (Vidas Secas, 1938). Na Ficção de José Américo de Almeida (A Bagaceira) e Rachel de Queiroz (O Quinze, 1930) vemos o drama cíclico das estiagens e o drama do êxodo, com toda a tragédia inerente. As angústias, esperanças, o medo, a fome, o desespero, fatalismo.

Esses escritores se caracterizam, sobretudo, por ter escrito romances cíclicos sobre a seca, o cangaço, a cana-de-açúcar, o cacau, acentuando, ao mesmo tempo, a decadência do latifúndio, "*origem de todos os males naquela região do Brasil*" (Vinhas, 1972., Guimarães, 1963., Facó, 1963, entre outros). Estes romancistas da década de 30, estes *escritores rebeldes*⁵ descobriram o Nordeste, ou melhor, tiveram a *préconsciência do subdesenvolvimento*, para usar a expressão de Antônio Cândido.

2. Modo de produção & praxis social no Nordeste do Brasil (1930-1945)

A nossa preocupação nesta segunda parte será a de analisar o projeto estético-cultural do Movimento Regionalista-Tradicionalista-Modernista do Recife que, de certa forma, teve influência em alguns romancistas nordestinos da década de 30.

Partindo especificamente da análise do Manifesto Regionalista de 1926, tentaremos fornecer, a grosso modo, uma visão geral da produção cultural e da ideologia do chamado Grupo do Nordeste, tendo em vista à análise comparativa que iremos desenvolver na terceira parte deste trabalho, isto é, confrontar o modo de produção social-revolucionário (o romance nordestino de 30) com outro conjunto literário: a produção literária modernista do eixo Rio-São Paulo.

2.1. O Projeto Estético-cultural do Movimento Regionalista de 26 e a Ideologia do Grupo do Nordeste

O Movimento Modernista brasileiro na sua primeira fase (1922-1928), ins-

(4) Sobre o romance São Bernardo, de Graciliano Ramos, veja-se um interessante estudo de Adalbert Dessau: "EPOCHENWENDE UND LITERARISCHE SCHÖPFUNG. - BEMERKUNGEN ZU GRACILIANO RAMOS ROMAN SÃO BERNARDO" in Beiträge zur Romanischen Philologie XVII, Heft 1, Berlin Oriental, 1978.

(5) A expressão é de Josué de Castro.

pirou vários *movimentos de cultura regional*. A geração intelectual e artística que surgiu no Brasil, na década de 20, teve pelo menos, dois grupos divergentes: Modernistas (do eixo Rio-São Paulo) e o Regionalista-Tradicionalista-Modernista (do Recife).

Em 1926, exatamente quatro anos após a Semana de Arte Moderna, o sociólogo pernambucano Gilberto Freyre, organiza o Primeiro Congresso de Regionalistas do Nordeste e lança neste conclave o Manifesto Regionalista de 1926, o qual se tornou, posteriormente, um documento histórico e literário do Regionalismo nordestino.

Freyre, representando o pensamento do chamado Grupo do Recife⁶, propõe e advoga a preservação dos valores regionais desta região do País:

“A verdade é que não há região no Brasil que exceda a Nordeste em riqueza de tradições ilustres e em nitidez de caráter. Vários dos seus valores regionais tomarem-se nacionais depois de impostos aos outros brasileiros menos pela superioridade econômica que o açúcar deu ao Nordeste durante mais de um século do que pela sedução moral e pela fascinação estética dos mesmos valores” (...). “Como se explicaria, então, que nós, filhos de região tão criadora, é que fossemos agora abandonar as fontes ou as raízes de valores e condições de que o Brasil inteiro se orgulha ou de que se vem beneficiando como de valores basicamente nacionais?” (Freyre, Manifesto Regionalista, p. 27).

O Manifesto Regionalista é uma tentativa de (re)valorização das tradições culturais de uma classe social que entrara em franca decadência, desde os anos vinte: a aristocracia açucareira do Nordeste (os senhores de engenho). O Manifesto tenta, aparentemente, também valorizar as manifestações culturais das classes subalternas (descendentes de africanos, mestiços, etc.), incorporando-as ao Modernismo regionalista, folclórico, libertino e “populista”. Porém, na essência, o Manifesto é apenas um discurso saudosista de uma classe em decadência.

No plano social o Manifesto tenta escamotear, muitas vezes, a realidade: folclorizando a pobreza. A romantização dos *Mocambos*⁷ do Recife, é o melhor exemplo de falseamento da realidade social neste Manifesto. Os mocambos são vistos, não como um grave problema social urbano, mas como um importante *valor regional*:

“(. . .) O mocambo é um valor regional e, por extensão, um valor brasileiro, e, mais do que isso, um valor dos trópicos (. . .)”. O mocambo é um desses valores. Valor pelo que representa de harmonização estéti-

(6) Cf. “Em 1926 o grande mestre (Gilberto Freyre) firmava, no Congresso do Recife, as pedras fundamentais de sua obra ciclópica. Em torno dele formou-se uma geração de homens admiráveis e decisivos: Olívio Montenegro, Aníbal Fernandes, Sílvio Rabelo, Júlio Belo, Luís Cedro, Luís Jardim. (Rego, 1957: 23-4)

(7) Mocambos ou mucambos são aglomerados subnormais (VILLAS MISERIA) que se concentram na periferia das grandes cidades do Nordeste.

ca: a da construção humana com a natureza. Valor pelo que representa de adaptação higiênica: a do abrigo humano adaptado à natureza tropical. Valor pelo que representa como solução econômica do problema da casa pobre: a máxima utilização, pelo homem, da natureza regional, representada pela madeira, pela palha, pelo cipó, pelo capim fácil e ao alcance dos pobres. (Freyre, Manifesto Regionalista, pp. 37-38)

Era de se esperar que Gilberto Freyre, como cientista social, tivesse pelo menos consciência (ou pré-consciência) da realidade social brasileira. Uma vez que já havia, antes mesmo da década de 20, uma tomada de consciência das deficiências do país: Monteiro Lobato publicara *Urupês* (1918), uma coleção de contos sobre as populações pobres e decadentes do Brasil rural.

A atitude de Freyre ao tempo do Congresso Regionalista de 1926, foi de completa apatia pelos problemas sociais do Nordeste. Apesar de Gilberto Freyre afirmar no Manifesto que “toda terça-feira, um grupo *apolítico* (grifo nosso) de Regionalistas vem se reunindo na casa do Professor Odilon Nestor, em volta da mesa de chá com sequilhos e doces tradicionais da região-inclusive sorvete de Coração da Índia-preparados por mãos de sinhás. Discutem-se então, em voz mais de conversa que de discurso, (grifo nosso) *problemas do Nordeste* (Freyre, Manifesto Regionalista, p. 29).

Pelo seu caráter *saudosista e ufanista* o Manifesto pretendia mesmo era reabilitar os valores e as tradições da aristocracia açucareira do Nordeste. E por conta disso, não se firmou nem como projeto estético-cultural, nem muito menos como projeto ideológico do Modernismo regionalista.

Atualmente a crítica ideológica da cultura brasileira (Mota, 1978) põs em xeque algumas posições do corifeu do Movimento Regionalista do Nordeste. E a principal crítica feita ao regionalismo oriundo do Congresso do Recife é a concernente ao seu caráter conservador, de valorização do Nordeste canavieiro e latifundiário.

E’ preciso deixar bem claro que o Movimento Regionalista exerceu apenas influência na ficção de Lins do Rego e, quando muito, no paisagismo exagerado de *A Bagaceira*, de José Américo de Almeida. Pois, os outros romancistas do chamado *Grupo do Nordeste* (Jorge Amado, Graciliano Ramos e Rachel de Queiroz) mantiveram-se à margem, tanto do Movimento Modernista, como do Movimento Regionalista do Nordeste. Entretanto, a produção literária desses escritores é essencialmente regionalista pela linguagem literária e pela temática que seus romances abordam. Fato. Fato plenamente justificável, pois o que está em questão é o conceito ambíguo de regionalismo proposto por Freyre, e não, “os romances, por exemplo, que por este ou por aquele letrado, neste ou naquele momento, tenham sido qualificados como “regionalistas” (Cf. Decanal, 1978: 51).

Com a crise das algarquias rurais após 1930, os intelectuais brasileiros, de um modo geral, tentam redefinir e ajustar as suas idéias ao projeto revolucionário

proposto pela revolução burguesa. (Cf. Cândido, 1973., Lafeté, 1973, entre outros). Ou seja, a tomada de consciência do subdesenvolvimento e a tentativa de resolução dos problemas do subdesenvolvimento (ou atraso). Trata-se de um assumir do atraso social e econômico e de um abandono do ufanismo dos anos vinte.

A superação do ufanismo regional verificou-se a partir da República Nova, quando Lins do Rego, sob a “nova” orientação de Freyre, publica o artigo polémico: “*No Brasil também se morre de fome*” (1935)⁸. E neste mesmo ano, verifica-se também o despertar de José Lins do Rego para as questões sociais: O Moleque Ricardo (1935), “cujo espaço é o mocambo recifense incendiado por agitações políticas, com o comunismo confinado em Fernando Noronha.” Note-se bem, que “em seus primeiros romances, submetidos à apreciação do mestre Freyre, Lins do Rego apresenta as remaniscências do patriarcalismo de forma lírica e saudosista”. (Cf. Malard, 1976: 43).

Do exposto neste item, podemos concluir que o pretense projeto estético-cultural (e naturalmente ideológico) do Movimento Regionalista de 26 foi superado pelas novas idéias da *burguesia ilustrada* que ascendeu ao poder na década de 30.

2.2. O “Redescobrimto do Brasil” e a incorporação da cultura marginal contradependente no romance nordestino.

Após a vitória da Revolução de 30 houve a primeira tentativa de “redescobrimto do Brasil”. Pois, anteriormente, numa antecipação da *nova consciência crítica*, apenas alguns intelectuais (Euclides da Cunha, Lima Barreto e Monteiro Lobato) denunciaram o Brasil arcaico, mas sem a preocupação de interpretar as raízes ideológicas do País.

O espírito revolucionário da década de trinta fora favorável as (re)definições e reflexões sobre “o Brasil novo”. O en ensaismo histórico-social procurava então explicar o caráter nacional do brasileiro. E a medida que os novos historiadores mergulhavam no nosso passado colonial e escravocrata, traziam novas explicações para nos libertar do “complexo de inferioridade racial” que tanto pesava na nossa consciência de povo mestiço. As teses arianizantes e aristocratizantes de Oliveira Vianna⁹, em Populações Meridionais do Brasil (1920), deram lugar às novas teses de Gilberto Freyre, desenvolvidas em Casa Grande & Senzala (1933) que, de certo modo, seria esta obra inegavelmente uma réplica a Oliveira Vianna: reabilitando o mestiçamento e o mestiço, Gilberto Freyre refletiria um novo clima intelectual, vigente nos anos trinta.

(8) In Gordos e Magros, p. 266 e segs.

(9) A obra de Oliveira Vianna, vem atualmente sofrendo revisões. Ver os artigos de Jarbas Medeiros (Introdução ao estudo do pensamento político autoritário brasileiro 1914-1945: Oliveira Vianna. Revista de Ciência Política, Abril-junho, 1974, no. 2) e Vanilda Paiva (Oliveira Vianna: Nacionalismo ou Racismo? In Encontros com a Civilização Brasileira, setembro, número 3, 1978).

Esse clima intelectual dos anos trinta foi responsável pelo aparecimento do novo ensaísmo social: *Evolução Política do Brasil* (1933), de Caio Prado Júnior., *Raízes do Brasil* (1936), de Sérgio Buarque de Holanda. Desse período histórico-cultural que convencionou-se chamar de “*redescobrimto do Brasil*” (1930-1937)¹⁰, é que inspirou o então romance social do Nordeste, e não o Movimento Regionalista de 26, como apontam alguns críticos. Pois, como movimento cultural, o regionalismo esvaziou-se no tempo e no espaço. E não sobreviveu aos tumultuosos anos trinta.

A tentativa de homogeneização modernizadora proposta pelos revolucionários de 30 é aceita pelos grupos dominantes agrários e urbanos, formando assim *classes do compromisso*. Segundo Decanal, “não é mera coincidência que quase todos os grandes romancistas de 30 procedem, socialmente, de grupos oligárquicos empobrecidos ou marginalizados, grupos que, por este mesmo motivo, dispunham da consciência possível para compreenderem os novos tempos, e, nesta medida, realizarem a mediação entre o passado e o presente, entre o período da pura dominação oligárquica e o da *solução de compromisso* (grifo nosso) que passa a integrar, pelo menos formalmente, alguns novos grupos sociais emergentes: proletariado, burocratas, classes médias, etc”. (Decanal, 1978: 23).

Os intelectuais brasileiros estavam ligados as diversas oligarquias regionais. Vendo-se então desprestigiados, inicialmente, pelos revolucionários de 30, portadores da ideologia do “Brasil novo”, eles ajustaram-se a ordem vigente mediante um compromisso com a elite do poder. O melhor exemplo disso, é a tomada de posição de Gilberto Freyre e de José Lins do Rego, ambos eram *intelectuais tradicionais*, após 1930, tornaram-se *intelectuais orgânicos*¹¹. Apesar de serem filhos da República Velha e descendentes da aristocracia açucareira, com a crise da ordem oligárquica, eles não pouparam esforços de se atualizar com a nova realidade brasileira.

No plano histórico-social, o romance nordestino iniciou no período de industrialização, na década de 30, com o surgimento de um novo e importantíssimo fator no quadro político brasileiro: a massa do proletariado urbano, mano-

(10) Cf. “O redescobrimto do Brasil pode ser registrado na própria sucessão das produções historiográficas posteriores à Revolução de 1930. A Revolução, se não foi suficientemente longe para romper com as formas de organização social, ao menos abalou as linhas de interpretação da realidade brasileira já arranhadas pela intelectualidade que emergia em 1922, com a Semana de Arte Moderna, de um lado, e com a fundação do Partido Comunista de outro” (...). O redescobrimto do Brasil” é marcado pelo surgimento das obras de Caio Prado Júnior (1933), Gilberto Freyre (1933), Sérgio Buarque de Holanda (1936) Roberto Simonsen (1937) (Mota, 1978: 27-8).

(11) O intelectual é tradicional, em relação a uma classe progressista, porque ele está vinculado a um modo de produção anterior e porque ele foi intelectual orgânico de uma classe que desapareceu (ou pelo menos não se vinculou organicamente à classe atualmente em ascensão Sobre o assunto veja-se Antonio Gramsci, *Os Intelectuais e a Organização da Cultura*, Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1968.

brada por Getúlio Vargas, que demonstrou, na época, possuir boa visão das perspectivas históricas e de como manipular o proletariado emergente¹². Neste mesmo contexto verificava-se o surgimento das minorias radicais de *tendência marxista* (Luis Carlos Prestes) e *fascista* (Plínio Salgado).

Este é, de fato, o período do romance de denúncia. Pois os *grupos produtores de cultura* aproveitam-se do momento histórico e constroem obras de ficção calcadas na realidade ou influenciadas pelo ensaísmo social vigente na época. Mas, naturalmente, foi o espírito revolucionário de 1930 que propiciou “o debate em torno da história nacional, da situação de vida do povo no campo e na cidade, do drama das secas, etc. O real aparecimento do país fez-se sentir como uma necessidade urgente e os artistas são bastante sensibilizados por essa exigência.” (Lafetá, 1973: 27).

Os novos romancistas apoiando-se em sua origem social e revalorizando, através da transmutação estética modernizante (Cf. Cândido, 1973., Lafetá, 1973), hábitos e tradições populares do Brasil arcaico, incorporaram o popular e o primitivo na ficção. Vale ressaltar que, a gosto pelo popular, por parte de nossas elites nativas dominantes, talvez seja um traço peculiar a *visão aristocrática do mundo*, conforme a conceituação geral de Alfred Weber. A visão aristocrática ou senhorial do mundo (como por exemplo, nos romances de Lins do Rego: o Ciclo da cana-de-açúcar) tende a folclorizar o Nordeste canavieiro e, de modo particular, a folclorização da miséria, como no caso dos romances do Ciclo da cana-de-açúcar, onde os pobres são vistos fundamentalmente de um ponto de vista folclórico: carnaval, misticismo e superstições.

Jorge Amado, apesar do seu *populismo carnavalesco* (ou melhor, *carnavalização da literatura*, para usar o termo proposto por Michail Bachtin) atual, foi quem primeiro introduziu o proletário como personagem de romance nordestino e, ao mesmo tempo, tentou caracterizar o romance proletário através de dois critérios: “um mínimo de literatura e um máximo de honestidade”¹³. A classificação de Cacau (1933), como o primeiro romance proletário da década de 30, tem dividido a crítica literária em duas correntes: uma que define Amado como ligado ao *realismo socialista* e a outra o define como *realista crítico*¹⁴.

O importante não é especular se Jorge Amado foi ou não realista crítico, o mais importante é constatar que ele foi um dos primeiros escritores do Nordes-

(12) Sobre a História do período (década de 30), veja-se A Revolução de 30 – Historiografia e História, de Boris Fausto., São Paulo, Editora Brasiliense, 1970.

(13) Cf. “O populismo literário deu uma mistura de equívocos, e o maior deles, por certo, o de passar por arte revolucionária. No caso de Jorge Amado, porém, bastou a passagem do tempo para desfazer o engano”. Esta “revisão” da ficção de Amado, foi feita por Alfredo Bosi, em 1970. (Apud Bosi: História Concisa da Literatura Brasileira, 1970).

(14) Sobre o assunto veja-se o excelente ensaio de Ronald Daus: “Jorge Amado als engagierter Schriftsteller.” Arbeitsunterlage 26 zur Lateinamerikaforschung, Dortmund, 1968.

te a incorporar a *cultura marginal contradependente*¹⁵ na ficção regionalista. O mérito do primeiro Jorge Amado não foi apenas o de incorporar o negro como mero “stock” racial, na ficção, mas o de incorporá-lo com suas tradições culturais, isto é, como *grupo marginal produtor de cultura* (afro-brasileira). Diga-se, de passagem, que essa tentativa de valorização da cultura marginal contradependente não partiu da matriz Casa Grande & Senzala. Mas sim, des ensaios de autores baianos que, desde do início deste século, vinham se preocupando com estudos e pesquisas sobre o negro no Brasil (Manoel Querino, Nina Rodrigues, Arthur Ramos e Edison Carneiro). E influenciado pelo seu amigo, Edison Carneiro, Jorge Amado retoma à problemática da *cultura afro-brasileira*, incorporando a em seus romances do Ciclo da Bahia: Jubiabá (1935), Mar Morto (1936) e Capitães da Areia (1937)¹⁶.

Em José Lins do Rego a *cultura marginal arcaica contradependente*¹⁷ dos grupos subalternos é vista como se fosse um espetáculo folclórico. Ele apenas reproduz as manifestações populares como mero “exotismo”. A cultura popular do Nordeste é utilizada na sua ficção como um recurso para suprir, muitas vezes, a sua falta de imaginação, pois como memorialista, ele tende a reiterar o máximo da tradição oral¹⁸, a fim de enriquecer a sua ficção. Não há em Lins do Rego uma preocupação de revalorizar a cultura marginal arcaica contradependente, o seu único interesse é usufruir do imaginário popular. E não é por menos que, Pedra Bonita (1938) e Cangaceiros (1953), são romances inspirados em temas do imaginário popular do Nordeste.

Graciliano Ramos não se interessa pela cultura marginal arcaica contradependente. O interesse de Ramos é a denúncia imediata dos problemas que a Revolução de 30 se propôs a solucionar, mas não solucionou: o problema da miséria no Sertão¹⁹. E é, exatamente por isso, que Vidas Secas, de Graciliano

(15) Segundo Decanal, no interior das sociedades dependentes desenvolveram-se, com maior ou menor intensidade e importância, núcleos que poderiam ser qualificados como possuidores de uma cultura marginal contradependente. Como por exemplo, os grupos afro-brasileiros são responsáveis pela criação da cultura marginal contradependente. (Cf. Decanal: 1978: 18-22)

(17) “A cultura marginal arcaica contradependente” se localiza no *hinterland* (Sertão) e suas manifestações fundamentais são a literatura dos cantadores populares (Decanal, 1978: 18-22)

(16) Sobre a importância dos grupos afro-brasileiros na ficção de Jorge Amado, veja-se o artigo de Russell G. Hamilton: “AFROBRAZILIAN CULTS IN THE NOVELS OF JORGE AMADO”, in *Hispania*, maio, número 2. E um excelente estudo de Maria Luisa Nunes: “The Preservation of African Culture in Brazilian Literature: The Novels of Jorge Amado”. In *Luso-Brazilian Review*, No. 1, 1973.

(18) Acentuam os que estudarem a ficção de Lins do Rego a influência por ele recebida dos cantadores populares do Nordeste: “José Lins do Rego sentiu muito bem a realidade brasileira como homem do poyo e da tradição rural, definiu-se um “contador de histórias”, com um processo narrativo muito semelhante ao dos narradores orais do Nordeste”. (Aderaldo Castello, 1961: 191).

(19) Dá-se o nome Sertão a uma vasta e indefinida área do interior do Brasil. É o núcleo central do país. Sua continuidade é dada mais pela forma econômica predominante, que é a pecuária extensiva, do que pelas características físicas: clima semi-árido e vegetação xerófila.

Ramos, é —sem dúvida nenhuma— um libelo contra o *reformismo social* dos anos trinta. “Vidas Secas nos apresenta um quadro evidente da decadência de nossa estrutura agrária semifeudal, decadência que, neste caso, não foi seguida por nenhuma renovação capitalista” (Nelson Coutinho, 1966: 135).

Em 1937, um ano antes do aparecimento de *Vidas Secas*, o fascismo foi implantado no Brasil: O ESTADO NOVO²⁰. E com ele veio naturalmente, a suspensão da liberdade de expressão e de todas as franquias democráticas que-utópicas ou não—eram o bastião das elites liberais-democratas brasileiras.

Alguns anos após a restauração das franquias democráticas no país, em plena década de 50, o romance nordestino encerrava, o seu ciclo vital, apresentando como balanço final, a produção literária da *resistência* e do *exílio*: *Memórias do Cárcere* (1953), de Graciliano Ramos e *Os Subterrâneos da Liberdade* (1952), de Jorge Amado²¹.

3. Modernismo e Regionalismo: confrontos

A maioria dos estudiosos do regionalismo brasileiro não tem estabelecido sua correspondência com certos eventos políticos e mudanças sociais na década de 30. Eles não atentaram para o fato de que houve uma ruptura no processo literário e, com essa ruptura, surgiu um novo grupo produtor de cultura²². Convém salientar que, com a crise das oligarquias rurais após 1930, os intelectuais nordestinos, tentam, redefinir e ajustar as suas idéias ao projeto revolucionário proposto pela Revolução de 30.

Note-se que os três primeiros decênios do século XX vão presenciar uma arremetida política contra as oligarquias²³. Muitas vezes ainda sob liderança dos

(20) Em 1937, Getúlio Vargas com apoio do Exército deu um golpe de Estado. A ditadura de Vargas durou até 1945.

(21) “*Memórias do Cárcere*, de Graciliano Ramos constitui o relato da vida da preso político que levou o autor, durante a repressão anticomunista que se seguiu a Intentona de 1935. Mais do que *Os Subterrâneos da Liberdade*, de Jorge Amado, dá um retrato vivo da ditadura de Vargas, com as suas implicações políticas e militares. Literariamente, é um dos mais importantes documentos jamais escritos em língua portuguesa” (Lucas, 1970: 96).

(22) De um modo geral, “a produção literária latino-americana não depende da origem de classe do sujeito social produtor, mas do projeto básico com que um determinado grupo produz uma determinada cultura, frente às solicitações da cultura dos países industriais, frente às demandas da sociedade regional ou nacional (Estado, classe, possibilidade de evolução histórica, dependência econômica), e frente ao mercado popular da cultura. Esses grupos estão ordinariamente constituídos por classes médias, ou pequena burguesia profissional”. (. . .) A esse modo de comportamento, que estabelece relações reais com a sua sociedade no próprio fato de seu modo de produção literária, chamamo-lo práxis de um grupo social. Por isso, propomos que o conceito básico para entender o fenômeno literário latino-americano como um fenômeno social é o de práxis de um grupo social, ou de instituição social de grupos intermediários.” (Losada: 1977, 57-58)

(23) Segundo Fernando Henrique Cardoso e Enzo Faletto, “a crise da dominação oligárquica manifestar-se á plenamente com a revolução de 1930, evidenciando a precarie-

setores liberais da oligarquia, a massa urbana e naturalmente os setores médios ligados ao Estado, principalmente os militares, começarão a pressionar politicamente. E' preciso mencionar também que na América Latina como un todo houve nestes primeiros trinta anos do século atual, tipos muito distintos de movimentos sociais (Cf. Henrique Cardoso, 1975).

Poder-se-ia então afirmar, baseado no quadro referencial acima descrito, que esse clima de agitação social dos primeiros decênios do século atual, ou melhor, mais precisamente a partir dos anos vinte, refletiu-se nitidamente na literatura latino-americana²⁴, no caso do Brasil, os anos vinte, tomando como marco teórico a Semana de Arte Moderna, como já vimos anteriormente. Segundo Wilson Martins, o Modernismo, que se havia iniciado como revolução puramente estética, evolui para um tipo de arte em que as preocupações e interesses políticos acabam por se lhes sobrepor., mais tarde, a corrente política desaparece, para ceder lugar, novamente ao esteticismo. O fato é que o Modernismo não se propôs a desenvolver nenhum projeto ideológico. O projeto ideológico da literatura moderna (e não modernista) iria se concretizar somente na década de 30, com o surgimento de um novo conjunto literário: o romance nordestino²⁵.

E' interessante chamar a atenção ainda para um fenômeno que se verificou na primeira fase do regionalismo nordestino (1876) e, que poderá esclarecer melhor a querela entre Regionalismo e Modernismo²⁶, no que concerne a suposta divisão literária do Brasil em Norte-Sul. "A divisão literária do Brasil em Norte-Sul", afirma Lúcia Miguel-Pereira, "esboçada por Franklin Távora, tem a sua razão de ser. Contrariando a centralização administrativa, as províncias não se deixaram, espiritualmente, absorver pela Corte. O Rio sempre foi e é, antes um centro receptor do que criador. O que complica a situação é que ainda não tendo a primazia das iniciativas, é em regra ele que as consagra e difunde". (Miguel-Pereira, 1973: 125).

dade do esquema de alianças regionais realizado no plano exclusivo das camadas dominantes. O desgaste de tal sistema político começou com os atritos entre os próprios grupos oligárquicos pelo controle do poder nacional. Quando alguns dos grupos regionais de dominação ampliaram o esquema de aliança política, para se fortalecer contra as oligarquias nacionalmente dominantes, possibilitaram a presença de novos grupos urbanos na cena política." (Cardoso e Faletto, 1973: 66).

- (24) "Es precisamente lo que comienza a ocurrir con aquella violenta tempestad donde se formará la personalidad social de los intelectuales durante la revolución mexicana (1910-1950), con la crisis del poder oligárquico en el Pacífico andino, donde se constituyen grupos como el de *Guayaquil* en Ecuador (1927-1950), o como el de la revista *AMAUTA* con la figura de J. C. Mariátegui (1923-1930) en el Perú., con la literatura social de ruptura posterior a la Guerra del Chaco (1935), o con el grupo del Noreste (1930-1955) en el Brasil" Llosada, 1980: 50-51).
- (25) Partimos de uma hipótese formulada por Luis Lafeté. Tentaremos aqui, apenas revalidar esta hipótese noutra contexto (Apud Lafeté, ob. cit.)
- (26) Sobre o assunto veja-se o artigo de Ronald Daus: "Einige Bemerkungen über das Verhältnis des brasilianischen Regionalismus zum Modernismus. In *Staden-Jahrbuch*. São Paulo, vol. 17, 1969, pp. 109-119.

A análise de Miguel-Pereira pecou apenas por não ter visto o problema pelo ângulo certo, ou seja, centro hegemônico interno x periferia. E' preciso levar em consideração que o Nordeste brasileiro foi no passado o centro econômico e cultural do País, porém no século XIX esta região estava em plena decadência (Cf. Furtado, 1972., Prado Junior, 1973), pois com o ciclo do café o pólo de desenvolvimento deslocou-se para as províncias do leste e sul. Convém ainda levar em conta esse quadro sócio-econômico para compreendermos o regionalismo acerbadado de Távora (defensor de uma literatura do Norte), em relação à Corte (centro hegemônico interno), segundo Franklin Távora, apenas o Norte (a periferia) teria condições e "elementos para a formação de uma literatura propriamente brasileira, filha da terra" (Távora, 1973: 27). Pois, com a súbita decadência das províncias nortistas, devido ao fato de terem ficado à margem do processo de modernização que o café possibilitou em São Paulo e no Rio de Janeiro, elas se mantiveram mais "autênticas" do que as províncias do sul. Segundo ainda o citado autor, "o Norte não foi invadido ainda como está sendo o Sul de dia em dia pelo estrangeiro" (Távora, 1973: 27). E é por esse motivo que ele defendia a causa de uma literatura do Norte, sem as infiltrações européias como a então literatura do Sul. E' interessante observar que as mesmas preocupações de Franklin Távora reapareçam na década de vinte, suscitadas por Gilberto Freyre, o corifeu do Movimento Regionalista de 1926.

No caso do Modernismo em face do Movimento Regionalista de 26, vemos claramente, uma tentativa de rejeição, por parte deste último movimento, às idéias modernistas impostas pelos intelectuais do eixo Rio-São Paulo, ao resto do País, isto é, as províncias²⁷. Note-se que num "confronto entre o caráter dominante do movimento paulista segundo as observações de um estudioso do regionalismo— e seu contraponto nordestino, dois pontos de contraste saltam à vista. Em primeiro lugar, o caráter radicalmente "modernista" (até "futurista", como então se dizia do primeiro, voltado para o presente, para os valores éticos e estéticos criados pela vida moderna e a civilização industrial que despontava com todo o seu vigor em São Paulo (a "Paulicéia desvairada"), em oposição ao tradicionalismo algo nostálgico dos recifenses, voltados para a revalorização da herança cultural do passado. Em conexão íntima com esse ponto, o sentido antes de tudo urbano de um, contrastando com a vinculação rural sempre nítida no ou-

(27) Em outras regiões da América Latina ocorreram também movimentos de renovação literária que partiram das províncias (literatura voltada para dentro), por exemplo, a renovação do romance mexicano através do chamado romance da revolução, em parte, também a renovação da poesia mexicana, começou nas províncias.

Segundo Adalbert Dessau, "estos movimientos tienen sus raíces en un proceso complicado de diferenciación regional que se producía a partir de fines del siglo pasado. La penetración imperialista comenzó a cosmopolitizar culturalmente a las capitales, alienándolas de la vida nacional y sus tradiciones. Más tarde, la penetración del capital extranjero trajo consigo un desarrollo diferenciado de las diversas provincias y regiones. En muchos casos, provincias que desde la época colonial habían desempeñado un papel importante en la vida del país, eran colocadas en una situación marginal, y con eso, en una crisis. Este es el caso de las regiones mencionadas de México, el Brasil y el Perú." (Dessau, 1974: 37).

tro-surgido também na cidade, mas uma cidade ainda unida por laços íntimos à cultura agrária da região” (Cf. Gomes de Almeida, 1981: 170).

O autor citado acima resume a dialética do processo literário brasileiro: Modernismo x Regionalismo, num esquema formado pela dicotomia opositiva entre rural e urbano. É inegável que o movimento Regionalista-Tradicionalista-Modernista do Recife sempre esteve voltado para a revalorização cultural do passado, ou melhor, do passado de uma classe social que entrara em crise com a penetração do capitalismo. É essa nostalgia por um mundo desaparecido, ou em vias de dissolução que caracteriza a produção inicial de Lins do Rego e notadamente os ensaios de Gilberto Freyre, principalmente Casa Grande & Senzala. Essa visão saudosista e aristocrática do mundo refletiu-se apenas na ficção de José Lins do Rego, como já vimos na introdução deste trabalho; o chamado Grupo do Nordeste (Jorge Amado, Graciliano Ramos e Rachel de Queiroz) distanciou-se, desde o início, da orientação “sociológica” de Gilberto Freyre. Se há saudosismo nos romances do Ciclo da cana-de-açúcar, de Lins do Rego, onde é notória a influência de Freyre sobre a obra ficcional deste escritor, o mesmo não vai acontecer na ficção de Graciliano Ramos, nem muito menos nos romances de Jorge Amado e Rachel de Queiroz. Portanto, a generalização de que o Modernismo se volta para o presente, para os valores estéticos criados pela civilização industrial que surgia em São Paulo na década de vinte, em oposição ao tradicionalismo e revalorização da herança cultural do passado por parte do Regionalismo nordestino, é —de certa forma— uma simplificação do problema.

Ao nosso ver houve a coexistência de duas tendências: uma no eixo Rio-São Paulo (o Modernismo), *voltada para fora*, ligada à França e ao vanguardismo europeu, de um modo geral. A outra tendência desenvolveu-se no Nordeste, *voltada para dentro* (o romance nordestino de 1930) que, desde o princípio, tentou analisar criticamente a sociedade agrária-patriarcal, como no caso de A Bagaceira, de José Américo de Almeida, obra que vai inaugurar o romance moderno nordestino. Salvo alguns “desvios”, a produção literária da década de 30, dos escritores nordestinos, foi uma tentativa de redescobrimto do Nordeste. Essa literatura voltada para dentro, representou uma ruptura no processo literário dos anos 30. Levem em conta que, antes de 1930, o vanguardismo de 22 já estava nos últimos estertores., quando então, surge o romance nordestino, isento de qualquer influência estrangeira, impermeável aos cacoetes “futuristas”, uma literatura essencialmente voltada para dentro²⁸.

(28) A exemplo do que ocorreu no regionalismo nordestino de 30 —e na ficção hispano-americana anterior e posterior a 1930— a América é “redescoberta” de dentro para fora. E esse movimento traz à tona as raízes seculares da heroicidade de populações marginalizadas no interior do continente mestiço. Em suma, o desenvolvimento da literatura latino-americana, anterior e posterior a década de 30, mantém, pois, seu caráter pendular entre imitação européia (literatura voltada para fora) e identidade regionalista (literatura voltada para dentro).

Convém ainda salientar que os primeiros sinais de uma literatura com preocupações existenciais e metafísicas surgiram, necessariamente, nas zonas mais cosmopolitas

Naturalmente essa literatura beneficiou-se com a revolução estética implantada pelo Modernismo brasileiro, inclusive, não seria pensável a existência de *A Bagaceira* ou até mesmo de *Casa Grande & Senzala* sem a vitória do Modernismo. Mas, por outro lado, o Regionalismo nordestino de 30 (entenda-se aqui o Grupo do Nordeste e não os Regionalistas tradicionalistas do Recife) dispunha de um projeto ideológico que faltou ao Modernismo.

do continente: na região do Rio da Prata (Cf. Losada, 1980), polarizada nas cidades de Buenos Aires e Montevidéu. No Brasil, esta literatura intimista desenvolveu-se no Leste e no Sul, pois com a crise do Modernismo, em 1930, o romance intimista vem re) estabelecer o vínculo com a amplitude do pensamento Ocidental.

BIBLIOGRAFIA

- Aderaldo Castello, J. José Lins do Rego: Modernismo e Regionalismo, São Paulo, Edart, 1961.
- Bosi, Alfredo. História Concisa da Literatura Brasileira, 2 ed. São Paulo, Ed. Cultrix, 1972.
- Cândido, Antônio. "Literatura e Subdesenvolvimento", in *Argumento*, Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1973 (1).
- Carone, Edgard. A República Velha— 1. Instituições e Classes Sociais, São Paulo, Difel, 1975.
- Decanal, José Hildebrando. Dependência, Cultura e Literatura, São Paulo, Atica, 1978.
- Dessau, Adalbert. "Literatura y Sociedad en las Obras de José Carlos Mariátegui", in *Casa de las Américas*, Havana, 1974 (84).
- Facó, Rui. Cangaceiros e Fanáticos, Rio de Janeiro, Ed. Civilização Brasileira, 1963.
- Fausto, Boris. A Revolução de 30 —Historiografia e História, São Paulo, Editora Brasiliense, 1970.
- Freyre, Gilberto. Manifesto Regionalista, 2 e 4 edições, Recife, 1956 e 1967.
- Furtado, Celso. Formação Econômica do Brasil, 11 ed. São Paulo, Companhia Editora Nacional, 1972.
- Gomes, José Maurício. A Tradição Regionalista no Romance Brasileiro, Rio de Janeiro, Achiamé, 1981.
- Gramsci, Antônio. Os Intelectuais e Organização da Cultura, Rio de Janeiro, Ed. Civilização Brasileira, 1968.
- Guimarães, Alberto P. Quatro Séculos de Latifúndio. Rio de Janeiro, e Terra, 1963.
- Henrique Cardoso, Fernando. Dependência e Desenvolvimento na América Latina -Ensaio de Interpretação Sociológica, 2 ed. Rio de Janeiro, Zahar Editores, 1973.
- Lafetá, Joao Luiz. "Estética e Ideologia: O Modernismo em 1930. in *Argumento*". Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1973 (2).
- Lambert, Jacques. Os Dois Brasis, 2 ed. São Paulo, Ed. Nacional, 1967.
- Rego, José Lins do. Presença do Nordeste na Literatura, Rio de Janeiro, Departamento de Imprensa Nacional, 1957.
- Gordos e Magros. Rio de Janeiro, Edição da Casa do Estudante, 1942.
- Losada, Alejandro. "Os Sistemas Literários como Instituições Sociais na América Latina", in *Contexto*, São Paulo, 1977 (2).
- La literatura en la Sociedad de América Latina - Los modos de producción entre 1750-1980: estrategias de investigación, Berlim Ocidental, Lateinamerika Institut der Freien Universität, Berlin, 1980.
- Lucas, Fábio. O Caráter Social da Literatura Brasileira, Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1970.
- Malard, Leticia. Ensaio de Literatura Brasileira-Ideologia e Realidade em Graciliano Ramos, Belo Horizonte, Editora Itatiaia, 1976.
- Miguel-Pereira, Lúcia. Prosa de Ficção (De 1870 a 1920), 3 ed. Rio de Janeiro, J. Olympio, 1973.
- Mota, Carlos Guilherme. Ideologia da Cultura Brasileira: 1933-1974, 4 ed. São Paulo, Atica, 1978.
- Maryns, Wilson. História da Inteligência Brasileira, São Paulo, Cultrix, Ed. da Universidade de São Paulo, 1976-1979, 7 v.
- Nelson Coutinho, Carlos. "Uma Análise Estrutural dos Romances de Graciliano Ramos", in *Revista Civilização Brasileira*, Rio de Janeiro, Ed. Civilização Brasileira, 1966 (5/6).

- Nunes, Cassiano. "Análise e Problemática do Romance Nordestino", in *Revista Brasiliense*, São Paulo, 1957 (14).
- Prado Júnior, Caio. *História Econômica do Brasil*, 16 ed. São Paulo. Ed. Brasiliense, 1973.
- Távora, Franklin. *O Cabeleira*, São Paulo, Três, 1973.
- Vinhas, M. *Problemas Agrário-Camponeses do Brasil*, 2 ed. Rio de Janeiro, Ed. Civilização Brasileira, 1972.